

“ECO+ na quarentena”: a experiência do ensino remoto de Jornalismo Audiovisual na UFRJ

“ECO+ na quarentena”: an experience
about the remote teaching of
Audiovisual Journalism at UFRJ

“ECO+ na quarentena”: la experiencia
de la enseñanza a distancia del
Periodismo Audiovisual en la UFRJ

Recebido em: 13/02/2021

Aceito em: 11/05/2021

DOI: 10.46952/rebej.v11i28.432

RESUMO

Neste trabalho, nos propomos a apresentar o resultado da experiência acadêmica da disciplina “Produção de Noticiário em TV”, feita de forma remota, desenvolvida entre setembro e novembro de 2020, que resultou na produção laboratorial “ECO+ na quarentena”, contando com 14 reportagens televisivas. Iniciamos apresentando a implantação do Período Letivo Excepcional (PLE) empreendido pela Escola de Comunicação da UFRJ, consideramos aspectos pertinentes ao desenvolvimento da disciplina em questão e finalizamos com análises a respeito de percepções da turma sobre o aprendizado do jornalismo audiovisual pelo modelo remoto.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo; Jornalismo Audiovisual; Pandemia; UFRJ; “ECO+ na quarentena”.

ABSTRACT

This article proposes itself to introduce a result of an academic experience from the “TV News production” class, which occurred remotely since September until November of 2020, and ended up creating a laboratorial production called “ECO + na quarentena” (ECO plus in quarantine) and developing 14 television reports. We start showing the implementation of the “Período Letivo Excepcional (Exceptional College Period) that was a Escola de Comunicação da UFRJ (Communication School of UFRJ) initiative, We also share thoughts about the subject itself, and We close the article analysing the students perception about all the audio-visual journalism aknowledge exposed remotely.

KEYWORDS

Journalism Teaching; Audiovisual Journalism; Pandemic; UFRJ; “ECO+ na quarentena”.

RESUMEN

En este trabajo, nos propomos presentar el resultado de la experiencia académica de la disciplina “Producción de Periodico en TV”, realizada de forma remota, desarrollada entre septiembre y noviembre de 2020, que resultó en la producción de laboratorio “ECO + en cuarentena”, con 14 televisados informes. Comenzamos presentando la implementación del Período Académico Excepcional (PLE) que realiza la Facultad de Comunicación de la UFRJ, consideramos aspectos relevantes para el desarrollo de la disciplina en cuestión y finalizamos con análisis sobre las percepciones de los alumnos sobre el aprendizaje del periodismo audiovisual que ocurrió remotamente.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza del periodismo; Periodismo audiovisual; Pandemia; UFRJ; “ECO+ na quarentena”.



Ana Goulart de Andrade

Mestre em Comunicação Social e professora de jornalismo da UFRJ.

goulartdeandrade@gmail.com

Sandro Tôrres

Doutor em Estudos de Linguagem e professor de jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ.

sandro.torres@eco.ufrj.br

Cristiano Santos

Doutor em Comunicação e Cultura e professor de jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ.

cristiano.henrique@eco.ufrj.br

1 INTRODUÇÃO

Esse texto se propõe a compartilhar uma experiência de implantação e desenvolvimento, bem como apresentar os resultados, do ensino remoto de jornalismo audiovisual na disciplina de “Produção de Noticiário em TV”, ministrada na Universidade Federal do Rio de Janeiro durante o Período Letivo Excepcional (PLE).

De início, recuperamos o processo de adaptação da Escola de Comunicação ao ensino remoto emergencial (ERE), considerando as nuances próprias da unidade diante da sua comunidade acadêmica para, em seguida, relatarmos especificamente o caso da produção laboratorial do noticiário “ECO+ na quarentena”, totalmente produzido no contexto do isolamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19.

No momento da conclusão deste trabalho, o Brasil já registrava mais de 236 mil óbitos provocados pela Covid-19 e ultrapassava 108 milhões de casos de infecção no mundo inteiro¹. A maior crise sanitária do século ganhou relevância nos noticiários e reforçou o lugar do jornalismo como forma de conhecimento (TRAQUINA, 2005; ALSINA, 2009; SCHUDSON, 2010) – um exemplo que pode ratificar esta perspectiva de compreensão de mundo e mediação social foi a criação de um consórcio inédito na imprensa brasileira, que passou a produzir os próprios dados sobre a pandemia da Covid-19, diante da falta de transparência dos órgãos oficiais do governo vigente².

A TV brasileira foi surpreendida pela pandemia de Covid-19 no ano em que completou sete décadas; e o telejornalismo precisou assumir um papel ainda mais central diante do desafio imposto pelo isolamento social. O “Jornal Nacional”, por exemplo, o produto televisivo mais visto pela maior emissora do país, obteve, no início da pandemia, pico de audiência na grande São Paulo de 37 pontos (203 mil pessoas diante de aparelhos ligados por ponto, ou 7,5 milhões ao todo) e 38 pontos (211 mil pessoas por ponto ou 8 milhões ao todo) no Grande Rio³, áreas da Região Sudeste do país. Isso ocorreu ao mesmo passo em que cerca de 25 milhões de domicílios (em média 80 milhões de pessoas) só têm acesso à informação via TV aberta⁴.

Neste cenário, comprometido com a segurança dos discentes da turma em questão, a realização da edição “Eco+ na quarentena” ocorreu de forma remota, observando sempre os princípios éticos e deontológicos do telejornalismo e seguindo a ideia da autonomia e crença da construção coletiva de Paulo Freire (1983). Assim, a partir de encontros semanais entre telas de forma síncrona, incluindo também aulas assíncronas, foram produzidas 14 reportagens televisivas relacionadas com a Covid-19.

¹ Disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419&mid=%2Fm%2F015fr>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

² Jornalistas dos jornais O Globo, Estadão, Folha de São Paulo, Extra e dos portais UOL e G1 passaram a apurar conjuntamente os dados sobre a Covid-19. Disponível em: <<https://cutt.ly/vgVkJGS>>. Acesso em 20 nov. 2020.

³ Disponível em: <<https://folha.com/n1q9hd7r>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://cutt.ly/LgGmHzt>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

2 RETORNO ÀS AULAS: O PERÍODO LETIVO EXCEPCIONAL DA ECO

No dia 13 de março de 2020, a Reitoria da UFRJ e o Grupo de Trabalho Multidisciplinar para Enfrentamento da COVID-19, constituído por especialistas da instituição, determinou a suspensão das aulas presenciais, em todos os níveis de ensino, por 15 dias⁵ e, em 23 de março, estendeu a interrupção das aulas por período indeterminado, por conta do desenvolvimento da pandemia no Brasil⁶. Após alguns meses de avaliação da evolução das medidas sanitárias e se preparando para o retorno das aulas, dado o imperativo do isolamento social para contenção da disseminação do novo coronavírus, em 17 de junho, o Conselho de Ensino de Graduação (CEG) da UFRJ promulgou a resolução nº 3 de 2020 que dispôs sobre a adoção do PLE e a autorização para o ERE⁷, o que deu providências, dessa forma, para os parâmetros a serem seguidos pelas unidades de ensino da Universidade.

Neste ínterim, a Escola de Comunicação (ECO) já havia, desde o início de maio, estabelecido o Grupo de Trabalho de Retorno às Aulas (GTRA), formado pela Diretora Geral da unidade, o Diretor Adjunto de Graduação, um representante para as Chefias de Departamentos, um para as Coordenações de Cursos, um dos docentes e um dos discentes. Ainda em uma das primeiras reuniões do GTRA, percebeu-se a necessidade de construir uma interlocução efetiva com os corpos discente e docente, de modo a garantir que os encaminhamentos na ECO pudessem se pautar por um plano que considerasse as perspectivas acadêmicas e as condições materiais e imateriais do alunado em aderir ao ERE com vistas ao melhor aproveitamento pedagógico possível, dadas as circunstâncias. Assim, optou-se e, em sequência, aplicou-se uma ampla pesquisa abrangendo alguns objetivos estratégicos: diagnosticar as condições declaradas de acesso a dispositivos tecnológicos de conexão e acesso a dados; instrumentalizar mecanismo de escuta das vozes do corpo discente; democratizar o processo decisório através de uma pesquisa que também tivesse o caráter de consulta pública; sondar possíveis caminhos a serem tomados pela gestão; aferir o estado emocional e motivacional dos estudantes em relação à experiência inédita do ensino remoto na ECO. É importante observar que, a despeito de um cenário de angustiantes incertezas com o recrudescimento da pandemia, os indicadores da pesquisa apontaram que a conjugação das aulas, professores e estudantes em interação promoveria motivação e saúde mental. Havia consenso entre parcela significativa da comunidade acadêmica que a volta às aulas remotamente era desejada e fonte de um projeto comum de construção de conhecimentos a partir de uma experiência nova na Instituição.

A concepção da pesquisa, demandas específicas quanto a abordagens, perguntas e cruzamentos foram definidos pelo GTRA, conjugando no questionário demandas de informações provocadas pela PR1 (Pró-Reitoria de Graduação) e questões provocadas pelos coordenadores dos cursos / habilitações da ECO. O objetivo geral do questionário aplicado na pesquisa foi entender o perfil dos estudantes universitários da Escola de Comunicação da UFRJ, em relação aos impactos da pandemia (Novo Coronavírus) sobre a vida pessoal e acadêmica dos discentes, por conta do distan-

⁵ Ver: <<https://bityli.com/KgL7n>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

⁶ Ver: <<https://bityli.com/J7iKy>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

⁷ Disponível em: <<https://bityli.com/dRbEC>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

ciamento social. O objetivo específico da pesquisa também foi detectar discentes em situação de vulnerabilidade, além de problemas relacionados às disciplinas, sensibilização quanto à adoção de ensino remoto etc., para que pudesse ser estruturado um plano de ação para a retomada das aulas no semestre letivo remoto.

Para isso, optou-se por utilizar uma metodologia de Pesquisa Quantitativa, de modo a obter uma amostra representativa da comunidade discente da ECO. A implementação do estudo enfrentou o desafio de construir um instrumento de coleta de dados que estimulasse a adesão, legitimação e disseminação da pesquisa entre os estudantes. Uma das preocupações era de elaborar um questionário que não fosse frio, distante e burocrático, insensível às susceptibilidades do momento. E, principalmente, que gerasse nos estudantes a percepção de que tanto a proposta do levantamento, quanto os processos decisórios em relação à implantação do ensino remoto, tinham por foco a construção orgânica e coletiva da proposta.

Em termos metodológicos, tratou-se de uma pesquisa probabilística aleatória simples, cuja amostragem foi realizada por recrutamento online através de “painel por opção” (MALHOTRA, 2019, p. 309), na qual os participantes da pesquisa optaram voluntariamente por participar do estudo. Para manter a confiabilidade e a integridade da pesquisa foram utilizados três procedimentos: 1) proteção de senha: o respondente só poderia participar do levantamento através de e-mail, de modo a garantir um acesso único por respondente. 2) lembretes de convite: para aumentar o número de respondentes foram enviados e-mails através do SIGA / UFRJ em intervalos de tempo para aqueles que ainda não participaram da pesquisa. 3) resumo das respostas da pesquisa: para aumentar o número de respondentes na pesquisa foram enviados e-mails com resumos e indicadores numéricos de participação na pesquisa.

O questionário foi divulgado principalmente através da atuação relevante da Direção da ECO, Direção Adjunta de Graduação e das Coordenações dos Cursos de Jornalismo e Direção Teatral, das Coordenações das Habilitações de Publicidade, Radialismo e Produção Editorial, também da Coordenação do Ciclo Básico, CAECO, CADT, Assessoria de Comunicação da ECO (ECOPress), docentes e discentes, *posts* institucionais nas redes da ECO, *posts* nos perfis dos docentes. Além disso, também foi espalhado para contatos e grupos do corpo docente. No total, a estimativa de alcance foi de 1.247 discentes e uma adesão de 800 respondentes. Portanto, a composição amostral significativa da pesquisa (cerca de $\frac{2}{3}$ de participação da comunidade discente) deve-se ao engajamento orgânico do conjunto de atores sociais da ECO.

A análise dos resultados foi baseada em uma amostra de 800 entrevistas. Desse modo, a margem de erro foi de 2,1 pontos percentuais (para mais ou para menos), segundo um intervalo de confiança de 95%, em acordo com a fórmula de população finita (ver fórmula abaixo).

População finita

$$n = \frac{N\sigma^2 z_{\gamma/2}^2}{(N-1)\varepsilon^2 + \sigma^2 z_{\gamma/2}^2}$$

- Em que:
- N é o tamanho da população
- σ é o desvio padrão populacional
- $Z_{\gamma/2}$ é o grau de confiança obtido da tabela da normal padrão
- ε é o erro amostral.

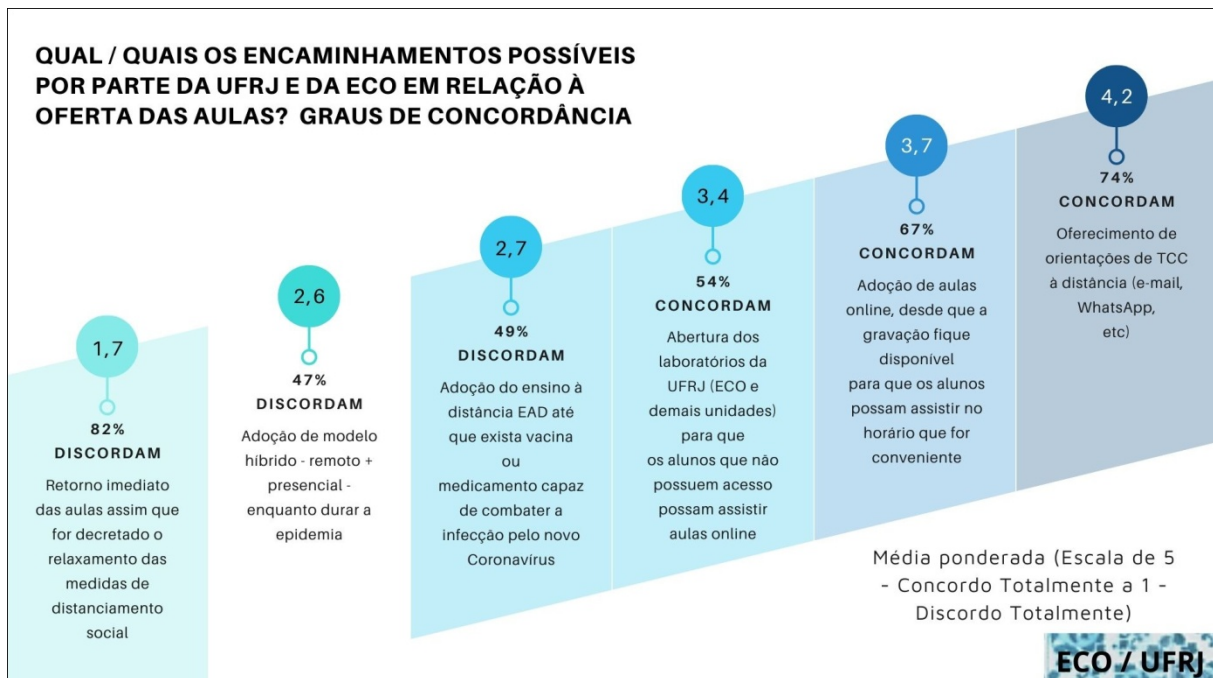
Obs: Se σ não for conhecido vale a proposição anterior.

Fonte: Análise de fórmula desenvolvida por um dos autores do artigo.

Os resultados sobre a posse de dispositivos de conexão apontaram que a grande maioria tinha recursos para as aulas online: 95% declararam ter acesso à banda larga, sendo 77% banda larga ilimitada e 94% dos alunos confirmaram ter *smartphones*. Mais de 90% relatam ter mais de um equipamento (*notebooks, tablets* etc.).

Se, por um lado, havia uma rejeição de 82% quanto ao retorno imediato das aulas depois de decretado o relaxamento das medidas de distanciamento social, por outro, 74% manifestaram ser a favor das orientações de TCC a distância por e-mail e *WhatsApp*. E 67% (Concordo Totalmente + Concordo Parcialmente) concordaram com a adoção de aulas online, desde que a gravação ficasse disponível para que os alunos pudessem assistir no horário mais conveniente (ver figura abaixo).

121



Fonte: Pesquisa realizada por um dos autores do artigo.

Deste modo, a maioria dos estudantes afirmava estar confortável com o ensino remoto de forma temporária, para não atrasar os períodos letivos da faculdade, porém, foi verificado que uma parcela de alunos não teria acesso a determinados

recursos tecnológicos, como equipamentos digitais, uso de plano de dados ilimitados para redes sociais ou pós-pago e/ou plano controle e o acesso à Internet em tempo integral. Dados estes relacionados aos segmentos de renda declarada mais baixa (até 3 salários-mínimos).

Esses indicadores em relação às ferramentas digitais foram importantes para o desenvolvimento de estratégias de aprendizado de forma efetiva durante o semestre letivo com os alunos. Também é interessante observar que a própria pesquisa e o processo dialógico com estudantes e professores constituíram uma sinergia para a construção de um consenso na comunidade acadêmica da ECO, no sentido de fazer o PLE uma proposta propositiva e integrada.

Ainda alinhado com o entendimento de que o melhor aproveitamento didático-pedagógico a ser adotado no ERE dependia fortemente da adesão conceitual do corpo discente ao plano de volta às aulas, o GTRA apresentou para aprovação da Congregação da ECO – instância colegiada soberana da unidade – um projeto para o PLE no qual a tônica das disciplinas oferecidas era constituída por componentes curriculares complementares. Diferentemente das disciplinas obrigatórias, que são incontornáveis para integralização dos cursos e, da mesma forma, possuem conteúdos programáticos mais fixos, as complementares são de escolha condicionada e, até por isso, têm ementas mais voláteis, capazes não só de explorar assuntos mais atualizados, como também permitir a melhor conformação às até então inéditas experiências de atividades de ‘ensino remoto’, mediadas por tecnologias de informação e comunicação (TICs)⁸. Esse encaminhamento, em parte, atendia à solicitação apresentada pela representação discente do GTRA, que intermediou o anseio do alunado por aulas mais flexíveis durante o PLE; por outro lado, representou uma maneira astuta da ECO em garantir a adesão do corpo docente, que teria mais liberdade para a proposição de matérias, o que, inclusive, acabou por incentivar a criatividade das professoras e dos professores no uso das plataformas disponíveis, metodologias de ensino e avaliação, além de possibilitar aproximações com suas pesquisas em curso.

A todo tempo, era uma preocupação do GTRA não só integrar as esferas docente e discente ao plano de retorno às aulas, mas fazê-lo de maneira humanizada, considerando as dificuldades inerentes às agruras vivenciadas pelos brasileiros em geral – que sofriam os impactos laterais da emergência sanitária, seja no campo mental (medo de contágio de si próprio e de seus familiares, internação e/ou morte de entes próximos, incerteza quanto ao futuro e crise de expectativas, bem como toda sorte de impactos psicológicos relacionados à pandemia), seja no campo pragmático (precariedade tecnológica de equipamentos e acesso à internet, perda de emprego e/ou estágio remunerado, espaço de estudo adequado na residência etc.).

Dessa maneira, apesar de algumas disciplinas obrigatórias terem sido oferecidas no PLE para atender a prioridade de alunos concluintes, a maioria absoluta das 158 turmas que foram oferecidas no PLE representava disciplinas complementares, tornando a adesão de discentes e docentes ao plano de retorno das aulas mais ameno, ainda porque atendia às recomendações da resolução do CEG referida mais aci-

⁸ É preciso destacar que, a partir das imposições de isolamento social em função da pandemia de COVID-19, o que tem sido chamado no Brasil de ‘ensino remoto’ se diferencia sobremaneira da metodologia do ‘ensino à distância’ (EaD), já regulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), desde 1996, e impulsionado pelo desenvolvimento da internet no século XXI (cf. OLIVEIRA *et al.*, 2019).

ma, que, entre outras coisas, impedia a reprovação por frequência e permitia o trancamento de qualquer matéria até o último dia letivo. Vale salientar que a adesão ao PLE era facultativa, tanto para o corpo discente quanto para o docente.

O GTRA propôs que as disciplinas do PLE cumprissem carga horária de 60 horas, que, divididas em doze semanas (como preconizava o calendário excepcional), resultavam em cinco tempos semanais para aulas, divididas, à escolha de cada docente, em dois tipos de metodologias: transmissão de conteúdos exclusivamente assíncronos (cinco tempos assíncronos semanais); ou transmissão de conteúdos síncronos e assíncronos (dois tempos síncronos – em um encontro remoto semanal de uma hora e quarenta minutos – e três tempos assíncronos).

Com essa disposição e embalado por uma política de intensa comunicação entre todas as esferas da comunidade acadêmica, o PLE da ECO teve a adesão de cerca de 95% dos professores da unidade (incluindo efetivos e substitutos) e teve praticamente todas as 4.491 vagas oferecidas ocupadas por estudantes dos cursos de Jornalismo, Comunicação Social (habilitações Publicidade e Propaganda, Produção Editorial e Radialismo) e Artes Cênicas (habilitação em Direção Teatral), além de atender a alguns de outras unidades da UFRJ.

3 O “ECO+ NA QUARENTENA” COMO MODELO DE ENSINO REMOTO

Seguindo o modelo de ERE apresentado acima, foi oferecida a disciplina “Produção de Noticiário em TV” como componente curricular complementar para formação de estudantes do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da ECO (mas extensivo a discentes de outras habilitações). A matéria já havia sido criada no segundo semestre de 2019, ainda no modo presencial, quando introduziu o projeto ECO+, uma experiência prática coletiva de produção jornalística, que surgiu como uma iniciativa, antes de tudo, que considera o consumo audiovisual via *streaming* amplamente usual na atualidade, compreendendo que esse fenômeno provoca os deslizamentos dos conteúdos televisivos para outras telas, o que torna ainda mais desafiador organizar e empreender um projeto que consiga atrair o interesse das alunas e dos alunos para o fazer telejornalístico.

A metodologia de ensino foi baseada na interseção da teoria e da prática, visando a transmissão de um conhecimento analítico, crítico e, também, propositivo, para se aproximar da visão de Alfredo Vizeu (2009), sobre as contribuições da construção social da realidade na produção do discurso jornalístico – o autor serviu de inspiração para a criação do Projeto que considera o telejornalismo como um lugar de referência e segurança, além de exaltar a função pedagógica televisiva. A disciplina destaca três pontos centrais para o entendimento do jornalismo audiovisual: “o telejornalismo como lugar de construção do real; o conhecimento do telejornalismo e a produção de conhecimento” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 12).

Nesse sentido, quando estudantes decidem o que é notícia em um telejornal e organizam pautas, para construir socialmente uma realidade e participar da formação de mundo da sociedade, estão influenciando a opinião pública, na medida em que emplacam temas diversos, plurais e sensíveis, evidenciando a relevância social e cultural da proposta que se defende. Do mesmo modo, a ideia de “telejornalismo em

transição” (BECKER, 2016) foi fundamental para o processo de ensino e aprendizado inerentes à experiência, uma vez que incitava os envolvidos a apontar fatores que indicam a reinvenção do telejornal e modificação nas rotinas produtivas de TV. Esse saber científico força um deslocamento dos alunos e alunas como narradores contemporâneos, que precisam pensar do ponto de vista da produção, da circulação / distribuição e, também, da recepção dos conteúdos televisivos, alargando a mediação dos “sujeitos falantes” no jornalismo audiovisual (MACHADO, 2000).

Tão importante quanto, as contribuições das autoras Mello e Coutinho (2016) ajudaram a corroborar a ideia de telejornalismo em expansão, fazendo com que o conteúdo produzido pela turma ganhasse outras telas. Cárlica Emerim (2018) é outra referência que ajuda na compreensão da lógica do Jornalismo em Telas, que ultrapassa o televisor dentro da nova ecologia midiática, espalhando o conteúdo para as redes sociais com a criação e o abastecimento de páginas no Instagram⁹ e no Facebook¹⁰.

Após revisão de literatura sobre o Jornalismo Audiovisual e as mudanças ocorridas no processo de hibridização das tecnologias digitais (BECKER, 2012), realizou-se a primeira edição do noticiário ECO+¹¹, que teve como premissa o rodízio de estudantes da turma por todas as funções exigidas na produção telejornalística. Assim, acredita-se na construção de um modelo de programa televisual mais inclusivo, plural, diverso e democrático. O resultado foi a produção de um noticiário em uma parceria inédita com o Canal Futura¹² para a gravação das cabeças das reportagens – em verdade, a inspiração veio do Projeto “Para além da Sala de Aula”¹³.

A metodologia de rodízio entre as funções televisivas fez com que muitos discentes se sentissem inspirados e encorajados a ocupar lugares jamais imaginados. Por isso, é perceptível que o ECO+ também é um projeto acadêmico inclusivo – e contribui, com isso, para o adensamento da consciência social a partir da prática educacional.

Ocorre que em março de 2020, quando a comunidade acadêmica se preparava para voltar à universidade, foi atravessada pela pandemia da Covid-19 no país e no mundo, o que forçou, obviamente, a suspensão imediata das aulas presenciais já iniciadas, conforme já citado mais acima. O ensino na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi retomado em setembro e a proposta de produzir um noticiário a distância se manteve na medida em que a disciplina de “Produção de Noticiário em TV” foi oferecida no PLE da ECO. O período marcou não só a volta às aulas na Eco, mas também os 70 anos da TV brasileira inaugurando mais uma fase do telejornalismo, para além das já identificadas por Silva (2018). Entrou no ar o que lançamos aqui como a fase pandêmica, que ainda se encontra em curso e segue desafiando o ensino do telejornalismo.

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/ecomaisufrj/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ecomaisufrj>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

¹¹ Disponível em: <<https://youtu.be/6W7WIIVG7Es>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

¹² Foi a primeira vez que o Canal Futura (Canal da Fundação Roberto Marinho) desenvolveu esse tipo de parceria, incluindo uma turma universitária nas rotinas de produção e compartilhando saberes técnicos com a equipe de gravação do estúdio.

¹³ O Projeto “Para Além da Sala de Aula” é desenvolvido há mais de 7 anos e prevê visitas técnicas guiadas em veículos de comunicação social como parte da metodologia das disciplinas de Telejornalismo e Teorias do Jornalismo, com o objetivo de manter o diálogo entre teoria e prática jornalística.

Ao longo de 12 encontros remotos, a turma se reuniu inicialmente para um esforço de compreensão teórica sobre o Jornalismo Audiovisual, utilizando os pesquisadores já citados. Durante o período, foram feitas reuniões regulares de pautas, abordando os temas mais variados: cultura, sociedade, esporte, política e outros, priorizando o saber acadêmico e com a premissa de elaborar um produto capaz de levar esse conhecimento à sociedade por meio de narrativas audiovisuais.

Foi em uma dessas reuniões que os 24 estudantes matriculados decidiram produzir um noticiário temático sobre a Covid-19. A partir disso, foram desenvolvidos exercícios de contato com as fontes e escolhas de personagens, criação de pautas, produção de laudas de roteiro para decupagem, desenvolvimento de *scripts*, além da montagem do espelho, produção de vinheta, gravação de cabeças no modelo entre telas e finalização do conteúdo. Um grupo criado no aplicativo de mensagens *WhatsApp* funcionava como uma redação na “palma da mão”.

Para além das aulas regulares, a disciplina também contou com a exposição de quatro profissionais convidados: o fonoaudiólogo **João Lopes**, para falar da importância da voz na quarentena, inclusive da novidade da articulação da fala com máscaras; a jornalista **Vera Iris Paternostro**, que participou da fundação da Globo News¹⁴, contribuiu com orientações em uma das reuniões de pauta; **Karla Chaves**, repórter da CNN, que tinha acabado de fazer a cobertura das queimadas no Pantanal Mato-Grossense; e, finalmente, **Monique Bittencourt**, repórter da Record TV e ex-aluna da Escola de Comunicação, para falar da rotina da cobertura na pandemia. A participação desses especialistas foi incomensurável para a realização da edição do “ECO+ na Quarentena”, uma vez que ajudou a ampliar as discussões sobre as pautas que estavam em andamento e encorajou o grupo na desafiadora e inédita missão de produzir reportagens audiovisuais de maneira remota.

125

4 NOVAS HABILIDADES NA PRODUÇÃO ENTRE TELAS

Depois do processamento do conhecimento teórico, a turma produziu um noticiário realizado de modo remoto e que resultou em 14 reportagens sobre a realidade da pandemia da Covid-19, já que a decisão coletiva do grupo foi desenvolver um noticiário temático sobre a pandemia¹⁵. São elas: **1) Retorno casa país:** problematizava a história de estudantes que precisaram voltar para a casa dos pais, porque não tinham condições financeiras para se manter nas localidades em que estavam morando para estudar; **2) Desafio estudantes:** falava dos estudantes de medicina que anteciparam a formatura para entrar na linha de frente do combate à pandemia de Covid-19; **3) Crianças quarentena:** trazia à tona a permanência das crianças em casa e todos os impactos dessa rotina, já que elas estavam longe da escola; **4) Relaxamento quarentena:** mostrou imagens de aglomeração produzida por uma moradora do Rio de Janeiro e tentou entender o porquê das pessoas não respeitarem o isolamento; **5) Entregadores pandemia:** apontava a atuação do ramo que ganhou protagonismo desde o início da pandemia; **6) Reinvenção isolamento:** pessoas que começaram a fazer atividades paralelas para manter uma renda financeira na pandemia;

¹⁴ Canal de televisão por assinatura voltado exclusivamente para transmissão de conteúdo noticioso.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H-MxAefZduM>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

7) Crescimento divulgação científica: mostrava que as redes sociais foram fundamentais para a divulgação da ciência durante a pandemia; **8) Crescimento podcast:** apontou o aumento no consumo de podcast durante a quarentena; **9) Adoção animais:** revelou o abandono de animais durante o período de isolamento, mas também a solidariedade de quem resolveu adotar algum animal; **10) Treino paralímpico:** abordou como os atletas paralímpicos continuaram os treinos e adiaram as competições; **11) Nome social:** a dificuldade de uma jornalista transgênero para mudar o nome social durante a quarentena; **12) Casamento quarentena:** pessoas que resolveram realizar o casamento de forma virtual na pandemia; **13) Corrida vacina:** os estudos no Brasil e a expectativa para a chegada da vacina; e **14) 70 anos de TV:** mostrou a evolução da televisão brasileira que comemorou a data em plena pandemia.

Para a realização desse conjunto de reportagens, o grupo passou por processos fundamentais: **a) produção de pauta:** construir angulação, escolher personagens, indicar captação de imagens, observar a relevância do tema e locação (esse último item, naturalmente, ficou restrito para preservar o corpo discente e evitar o contato com outras pessoas); **b) produção de roteiro:** decupar para escolher sonoras e outros elementos e, ainda, unir texto e imagem para dar sentido semântico a partir de uma relação simbiótica; **c) produção de espelho e script:** preencher as laudas com as devidas marcações (retranca, créditos, tempos, deixas) e promover o diálogo textual e equilibrado com as outras reportagens para criar um sentido total. **d) edição e publicação nas redes:** montagem de edição a partir do roteiro e publicação nas páginas do projeto, a vinheta¹⁶ do programa “ECO+ Na Quarentena”, bem como as gravações das chamadas das reportagens foram produzidas via encontro virtual no *Google Meet*.

A convivência intensa durante três meses com a turma trouxe a possibilidade de observação e sistematização de cinco aspectos que foram recorrentes durante a produção do noticiário (ver tabela 1) e que podem oferecer pistas para novas habilidades no ensino e no saber-fazer telejornalístico.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHimJaBpZLk/?igshid=1t8rkvib7s8a7>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Tabela 1 – Práticas e novas habilidades

Práticas adotadas	Novas habilidades
Adoção do uso de máscara em ambiente externo para gravação (mesmo que na área externa da própria residência)	Ação pedagógica no momento pandêmico e preocupação em dar o exemplo à sociedade, inserindo o elemento máscara na indumentária e adequando a voz do repórter para diminuir possíveis ruídos na entrega da mensagem.
Relação com as fontes	Alternativa para manter o distanciamento e obter depoimento da fonte, alterando o deadline já previamente definido. Admissão de imagens sem prioritariamente ter qualidade técnica, considerando novos enquadramentos, outras angulações etc.
Produção de imagens	Pensar em novas formas ilustrativas e inventivas para criar sintaxe da representação do real na linguagem audiovisual.
Utilização de software	Opção de gravação de sonoras por meio de aplicativos para manter o distanciamento. Utilização de planos e contraplanos como alternativa de movimentação imagética.
Criatividade como tática	Opção para uso de outros elementos visuais para compor a narrativa televisiva como ilustração, imagens de arquivo, cultura memética e movimentação de sonoras captadas de forma remota para serem utilizadas como imagem de apoio.

Fonte: Elaboração de um dos autores do artigo.

Ainda nos encontramos em plena pandemia, na incerteza dos rumos que vamos seguir daqui pra frente. Portanto, não é possível mensurar o quanto essa experiência e os aspectos observados e classificados acima ficarão de herança para o ensino e aprendizado do Jornalismo Audiovisual. A adoção do uso de máscara pela equipe de reportagem em ambientes externos; a expertise da relação com a fonte e alteração no *deadline* para a entrega final do produto; a necessidade de produção de imagens para dar sentido à linguagem audiovisual da peça; a utilização de novos softwares para movimentação e execução de entrevistas e montagem de edição e, finalmente, a criatividade como tática, são alguns exemplos observados na transmissão de conhecimento entre telas e que podem indicar alguma mudança nas rotinas produtivas televisivas. Portanto, considerando que a atividade jornalística carrega intrinsecamente o poder de mutação, e que talvez isso explique a própria longevidade do telejornalismo, que completou 70 anos no Brasil, vale a pena considerar e observar atentamente as novas habilidades que surgiram nas experiências entre telas dentro de sala de aula, em um ambiente extremamente atípico para o desenvolvimento de atividades de natureza prática.

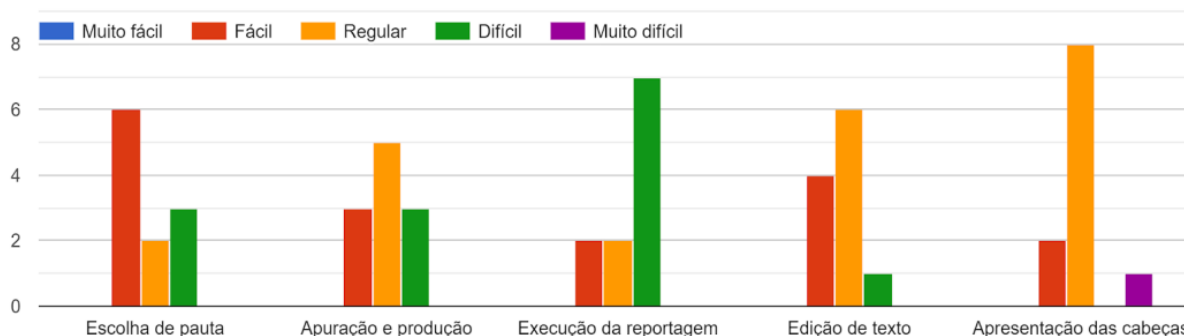
5 DO OUTRO LADO DA TELA

A tarefa de transmitir conhecimento de forma coerente em um momento extremamente atípico trouxe muitas incertezas para a comunidade acadêmica. Se ensinar de forma remota, sabendo da responsabilidade na formação dos alunos e das alunas, foi um dos grandes desafios do ano de 2020, aprender (e apreender o conhecimento) não dever ter sido uma das atividades mais fáceis, considerando a crise sanitária e todos os desdobramentos dela – e, ainda, as limitações tecnológicas de acesso aos encontros virtuais.

É indiscutível que nada substitui a forma presencial do ensino. Produzir um noticiário de TV de forma remota foi uma grande aposta, construída coletivamente com a turma. Desse modo, ao final do curso da disciplina “Produção de Noticiário em TV”, foi aplicado um questionário às alunas e aos alunos da turma, com o objetivo de identificar as potencialidades e adversidades experimentadas ao longo da experiência do ERE. Apesar da adesão ter sido de cerca de 40% e, portanto, não representar a totalidade das impressões dos discentes, é uma amostragem satisfatória para retirarmos indicativos interessantes e pontuar referências para conclusões, mesmo que parciais. Assim, passamos a compilar algumas percepções que são dignas de nota.

Gráfico 1 – reprodução de tabulação de uma das respostas do questionário.

Considerando as atividades remotas em função da pandemia de Covid-19, avalie o grau de dificuldade nas etapas de construção de uma reportagem para cumprir as...gências da disciplina de Produção de Noticiário em TV.



Fonte: Pesquisa realizada por um dos autores do artigo.

O primeiro ponto que chama a atenção é que nenhum discente considerou a experiência do ensino e da consequente produção laboratorial em sistema remoto nem muito fácil, nem muito difícil (ver Gráfico 1 acima). Talvez a atual geração universitária já esteja acostumada o suficiente aos imperativos digitais para perceber a desterritorialização ou a virtualização das tarefas como algo inatingível. Entretanto, o novo sempre cobra algum preço – ou algum desconforto –, o que também não simplifica totalmente as coisas. Nesse sentido, não parece que a produção do noticiário “ECO+ na quarentena” tenha apresentado um grau de dificuldade significativamente diferente de uma experiência presencial – mais que tudo, provavelmente apenas diferente. Isso reforça a ideia de que os modos de promoção do processo de ensino-aprendizagem sempre vão ser muito devedores da capacidade dos alunos e das alunas de aprenderem a aprender, sublinhando o papel ativo de estudantes, no caso, do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Cerca de 2/3 dos respondentes indicaram que o isolamento social não atrapalhou a definição de pautas sensíveis, como foi a proposta da edição do ECO+ em questão. Tanto quanto, a maioria também relatou que a escolha de pautas foi fácil e que não houve prejuízo na coleta de dados e na escolha de personagens em função da pandemia. Contudo, apesar de todas as etapas iniciais serem percebidas como de resolução tranquila, a maioria sinalizou que a execução da reportagem foi difícil. Essa disparidade pode revelar que o nativo digital raramente enxerga dificuldades na operação de instrumentos técnicos da contemporaneidade (81,8% acharam que não houve prejuízo na realização da matéria através de aplicativos e plataformas), mas que a descentralização própria da virtualização dos processos radicalizou deficiências que sempre foram notadas nas situações tradicionais, como é o caso da produção de imagens ou do resgate de imagens de arquivos (63,6% acharam complicado encontrar e/ou produzir imagens para cobrir o texto das reportagens).

Tais conjecturas trazem contribuições interessantes para a continuidade de exploração das vantagens inerentes ao ambiente digital e, ao mesmo tempo, em contraste, podem fazer eclodir reflexões sobre temáticas que estavam até então pacificadas no ensino presencial tradicional. Ora, seja em grandes estruturas, seja produtoras de menor porte, as imagens que devem cobrir o texto televisual (que, inclusive, caracterizam a eficácia da linguagem audiovisual) requerem invariavelmente a ética, a sensibilidade, a criatividade e a habilidade técnica dos envolvidos no fazer jornalístico, desde a produção de uma matéria até a sua edição e veiculação – ou seja, é trabalhoso, exige dedicação e persistência. Assim, por que isso seria diferente numa produção remota de um noticiário? Ou no processo de ensino-aprendizagem disso?

De toda forma, para finalizar, vale destacar o cuidado – e também a percepção do cuidado – resultante do investimento no ensino remoto e sua consequente possibilidade de manutenção da melhor prática de proteção contra a circulação do novo coronavírus: a restrição de contato físico entre indivíduos.

Dentro do possível, acho que as plataformas cumpriram seu papel e possibilitaram uma edição do Eco+ totalmente remota sem expor nenhum estudante ao risco de contaminação. Pela internet, alguns detalhes fogem do nosso controle direto, como a qualidade da imagem, o enquadramento da câmera e a estabilidade da conexão, além de dificultar um pouco a interação com o entrevistado e as discussões em equipe. Mas, dentro de um contexto de pandemia, são situações às quais precisamos nos adaptar¹⁷.

A ideia de missão cumprida definitivamente não deve ficar restrita à qualidade do produto laboratorial de uma disciplina de curso de graduação. O processo de ensino-aprendizagem perpassa meandros que transcendem a mera formação profissional, ou mesmo intelectual. Acreditamos que a formação universitária e, especificamente, o ensino do jornalismo é instrumento de transformação social, promovendo no educando o despertar para o mundo em que vive, tornando-o agente

¹⁷Resposta da pesquisa aplicada à turma por meio de questionário aberto.

modificador das realidades opressoras e indivíduo ativo na melhoria das condições civilizatórias das comunidades em que está inserido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE VEM A SEGUIR?

Ainda que de forma remota a universidade funcionou como laboratório para que experiências dessa natureza fossem concretizadas. A partir da produção do noticiário “ECO+ na quarentena”, mesmo diante de todas as rápidas transformações ocorridas ao longo do ano de 2020, foi possível reforçar o Jornalismo Audiovisual como forma de produção de conhecimento vinculado ao processo de construção social da notícia, e não apenas o jornalismo como um meio de comunicação (MEDI-TSCH, 1997).

Apesar da observação de novas habilidades no aprendizado do telejornalismo elencadas acima, considerando o período pandêmico ainda muito desafiador, exigindo mais doação tanto dos discentes quanto dos docentes, é necessário reforçar que esse é um momento de exceção da regra, não devendo reduzir o ensino do jornalismo em telas a um processo meramente estético, distanciando o rigor jornalístico e o compromisso com a representação do real.

Por fim, compreendemos a relação do jornalismo com a história e a produção de memória, e esperamos que essa experiência possa servir de inspiração para disciplinas afins, compreendendo as fraquezas, mas aproveitando as potencialidades tecnológicas que podem ser inseridas na produção do conhecimento com um olhar analítico, crítico, reflexivo, mas também propositivo, considerando o que estar por vir nos novos tempos pós-pandemia.

130

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo**: Transições. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.

_____. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. In: BECKER, Beatriz (org.). **Pensando e fazendo Jornalismo Audiovisual**: a experiência do TJUFRJ. Rio de Janeiro: E-papers, 2012, p.15-38.

EMERIM, C. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 113-126, jan. 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

OLIVEIRA, A. F. P.; QUEIROZ, A. S.; SOUZA JÚNIOR, F. A. de; SILVA, M. C. T.; MELO, M. L. V.; OLIVEIRA, P. R. F.. Educação a Distância no mundo e no Brasil. In: **Educação Pública**, v. 19, n. 17, 20 ago. 2019.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2000.

MEDITSCH, E. **O jornalismo e uma forma de conhecimento?** Covilhã: Universidade da Beira do Interior/Labcom, 1997.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing:** Uma orientação aplicada. 7. ed. Porto Alegre, Bookman, 2019.

MELLO, E.; COUTINHO, I. Telejornalismo Expandido: o conteúdo televisivo jornalístico nas redes sociais. In: **Anais do 14º SBPJor – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** São Paulo: SBPJor, 2016.

SCHUDSON, M. **Descobrimo a notícia:** uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

SILVA, E. M. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2018, p. 19-35.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo** – Volume I: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, A., CORREIA, J. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11-28.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: **Revista FAMECOS,** Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009.